

ESCAMBO NA METRÓPLE: UMA EXPERIÊNCIA DE CONSUMO DE MODA SUSTENTÁVEL COM O PROJETO GAVETA.

Jéssica Baptista¹

Resumo: A sustentabilidade é um tema muito presente na sociedade contemporânea, mas nem sempre foi assim. Neste artigo, descreveremos o percurso dessa temática ao longo da história, além de apontar a hipótese de que consumidores conscientes de moda por meio do movimento *Slow fashion* se organizam nas redes sociais e ocupam o espaço urbano carioca com o projeto Gaveta, uma feira de troca de roupas usadas. Inspirado na etnografia, o método aplicado foi a Observação participante para analisar se efetivamente as pessoas que participaram da troca entenderam o objetivo.

Palavras-chave: Mídia, *Slow fashion*, Projeto Gaveta

Introdução:

A globalização é um conjunto de transformações políticas, econômicas e culturais que integra o mundo e o pensamento em um só mercado, e ganhou força a partir dos anos 80, permitindo a integração econômica e social entre países e pessoas de diversas partes do mundo.

Nessa dinâmica, os meios de comunicação tiveram um papel crucial, pois criaram de forma mais eficiente uma rede de conexões que facilitou as relações econômicas e culturais entre diversas nações. Além disso, o processo de globalização também proporcionou a instalação de empresas multinacionais em diversas partes do planeta, buscando o barateamento do processo produtivo, ou seja, a redução de custos da produção e o estímulo ao consumo, no caso aqui estudado, a indústria da moda. Como exemplo dessa dinâmica, temos o *Fast fashion*, um modelo de comercialização da moda que abastece o mercado com as novidades do mundo fashion de forma rápida. Para ser eficaz, esse tipo de moda tem na mídia sua principal aliada para a divulgação da última tendência.

Esse modelo de negócios depende da eficiência em fornecimento e produção em termos de custo e tempo de comercialização dos produtos. Nessa lógica, muitas vezes o consumidor possui um comportamento de compras irrefletido, o que acaba gerando o desperdício, o acúmulo de lixo têxtil, a poluição do meio ambiente e o estímulo ao trabalho escravo. Além disso, esse consumismo determina o grau de inclusão ou exclusão social, a felicidade e a infelicidade, numa lógica em que a pessoa é aquilo que ela tem, ou aquilo que ela consome.

¹ Mestranda PPGCOM UERJ. jessicabsventura@gmail.com

Para refrear esse padrão surge o *Slow fashion*, prática que leva o consumidor a refletir sobre como consumir de forma mais sustentável.

A pesquisa de campo descrita neste trabalho realizou-se numa feira de troca de roupa que promove o escambo de peças dos participantes, sendo organizada pelo projeto Gaveta, na cidade do Rio de Janeiro. Assim sendo, o propósito desse estudo é compreender o papel do consumidor que faz a troca da roupa, observando se o participante da feira tem a real compreensão do que é ser sustentável.

A metodologia adotada foi a observação participante que encontra na etnografia praticada por Gueertz(1989)² uma descrição cultural e densa do que é observado. Esse estudo foi a primeira observação de um trabalho de mestrado que está em fase inicial. Nesse sentido, a pesquisa será dividida em quatro partes. Na primeira parte foram utilizados os autores Luiz Alberto Oliveira e Ilya Prigogine para analisar a modificação do papel da ciência em relação à natureza ao longo da história. Na segunda parte os autores Simmel e Lipovetsky assinalam a origem da moda e da indústria têxtil. Na terceira parte autores como Jean Baudrillard, Mary Douglas e Canclini discutem sobre a sociedade do consumo e o uso dos bens. Finalmente na última parte, faremos a análise do projeto Gaveta aplicando a metodologia da observação participante.

Ciência e natureza

Poluição, desmatamento, aquecimento global, esgotamento dos recursos naturais são temas bastante corriqueiros atualmente. Cabe ressaltar que nem sempre foi assim, a preocupação com a questão ecológica só entrou em pauta no século XX, quando as pessoas se deram conta de que a interferência no meio ambiente causava prejuízos.

Até a idade Média, o conhecimento humano estava ligado às diretrizes da Igreja não se podia investigar nem questionar os parâmetros vigentes. A ciência desse período estava atrelada ao pensamento filosófico Aristotélico que via a natureza como um todo harmônico regida por leis universais que devia ser contemplada. A partir da Revolução científica,³ no século XV pensadores como Galileu e René Descartes influenciados pelo espírito científico viam a investigação da natureza como principal atividade da razão. O projeto da Modernidade era romper com a tradição do pensamento de Aristóteles. Os fenômenos anteriormente atribuídos às forças ocultas tornam-se passíveis de análise e controle. A célebre frase de Rene

² GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

³ Termo cunhado por Alexandre Koyré

Descartes “nos tornaremos senhores e possuidores da natureza” demonstra a confiança na razão e na sua capacidade de controle. Descartes inventa o método científico para tornar o acesso a natureza algo possível.

Ainda no século XVIII, o movimento Iluminista defendia o uso da razão para lançar luz sobre as verdades da Igreja e da monarquia. Os burgueses apoiavam o movimento devido as ideias de liberdade econômica que eram essências para que mais a frente ocorresse a Revolução Industrial. O Iluminismo via nas descobertas dos grandes cientistas tais como: Isaac Newton, Nicolau Copérnico e Francis Bacon uma visão mecanicista do universo e da natureza que podiam ser controlados e investigados.

Mais tarde no século XIX, Auguste Comte com a ideologia positivista vê o conhecimento como a apreensão empírica do mundo, busca-se descobrir as leis gerais que regem os fenômenos observáveis. O laboratório é o espaço onde os fenômenos da natureza são reproduzidos de forma artificial, a ideia era dominar a natureza para prever e evitar catástrofes. Nesse sentido, não se pode negar os avanços da biologia, da física e da química. A ciência é positiva, porque consegue controlar a natureza, não se tinha a ideia de que o ato de investigar modificava e prejudicava o meio ambiente. Somente no século XX, com a II Guerra Mundial, que levou a destruição de milhares de vidas com o uso da bomba atômica, passa a existir uma reflexão de que a ciência moderna não era apenas positiva, mas podia ser usada de forma bastante negativa.

Segundo Prigogini e Luiz Alberto Oliveira, para dar conta de questionar os paradigmas da Modernidade surgem as teorias do contemporâneo. A Modernidade criou fronteiras, porque recortava o objeto de estudo do seu ambiente natural criando as disciplinas, ideia de cada ciência tem o seu objeto, a sua teoria e metodologia. A proposta das teorias do contemporâneo é juntar o que a Modernidade tentou separar.

Para ilustrar as teorias do contemporâneo usemos como exemplo os sistemas complexos. São sistemas dinâmicos, imprevisíveis, compostos de várias partes que interagem entre si estamos falando a nível molecular. Só foram descobertos devido ao processo acelerado que causamos na natureza com a tecnologia. O conceito de complexidade propõe uma mudança de diálogo com a natureza.

A ciência parecia concluir pela estupidez da natureza, mas a ciência de hoje não é mais a ciência “clássica” (...) A própria ambição de reduzir o conjunto de processos naturais a um pequeno número de leis foi abandonado. As ciências da natureza descrevem, de ora em diante, um universo fragmentado, rico de diversidades qualitativas e de surpresas potenciais. Descobrimos que o diálogo racional com a natureza não constitui mais o sobrevoio desencantado dum mundo lunar, mas a

exploração. Sempre local e eletiva, duma natureza complexa e múltipla.
(PRIGOGINE, 1991, P.4e5)

Para Prigogine, a natureza a qual a ciência se dirige hoje não é meramente descritiva, mas sim uma natureza múltipla, complexa. Há uma nova formulação das leis da natureza em termos de probabilidades e não de certezas. O ser humano precisa reconhecer suas limitações. A lógica moderna de dominação da natureza com a inserção dos sistemas complexos perde o sentido, porque a complexidade transborda qualquer conceito fechado e descritivo já realizado pelo conhecimento humano. Na mesma linha de pensamento Luiz Alberto Oliveira(2012) enfatiza que há uma mudança do olhar sobre a natureza que deixa de ser mecanicista, ou seja, a ideia que tudo pode ser explicado e resolvido de maneira racional pela ciência e de forma simplificada utilizando as mesmas leis mecânicas para fenômenos de magnitude diversa. Segundo o autor, não é possível uma descrição universal sobre os fenômenos naturais. Com os sistemas complexos dependendo do enfoque há classes distintas dos fenômenos

Desde a revolução científica iniciada no começo do século XX estamos experimentando uma transformação fundamental que consiste precisamente na substituição da imagem maquínica clássica por uma figuração inteiramente diferente do mundo natural, que podemos chamar de imagem da complexidade.
(OLIVEIRA,2012, P.142)

As teorias do contemporâneo levam o ser humano à reflexão sobre a complexidade dos fenômenos da natureza e a degradação causado no meio ambiente. A Ecologia, ciência do ramo da biologia responsável por estudar as interações dos seres vivos com o meio onde habitam, é a responsável por mostrar que a maioria dos problemas enfrentados pelo homem tais como: poluição ambiental, fome, esgotamento de recursos são consequência do mau uso dos recursos naturais.

A Indústria da moda tem sua parcela de culpa na degradação do meio ambiente parece mentira que em pleno século XXI haja trabalho escravo para produzir peças de roupas que custam barato para o consumidor final, mas o preço pago por quem trabalha nessa indústria é muito das vezes a própria vida.

A indústria da moda:

A moda surgiu no século XV, no início do Renascimento. A burguesia que tinha enriquecido com o comércio tinha poder de compra, mas não pertencia a nobreza já que para ser nobre precisava nascer nobre, logo a maneira encontrada pelo burguês foi imitar as roupas dos nobres, estes para se diferenciar daqueles, tinham que usar algo novo. O sociólogo Georg

Simmel faz uma importante observação sobre a lógica da imitação que originou a moda como conhecemos hoje.

Logo que as classes inferiores começam a apropriar-se da moda, ultrapassando assim a fronteira instituída pelas superiores e rompendo, destas, a homogeneidade da co-pertença assim simbolizada, as classes superiores desviam-se desta moda e viram-se para outra, graças à qual de novo se diferenciam das grandes massas, e na qual o jogo mais uma vez se inicia. Pois, naturalmente, as classes inferiores olham para cima e procuram subir e conseguem isto sobretudo nas áreas que estão sujeitas à moda, porque estas são, de longe, as mais acessíveis à imitação externa. (SIMMEL, 2008, P. 27).⁴

Esse processo de imitação ficou mais evidente com a chegada da Revolução industrial, iniciada na Inglaterra no século XVIII, nesse período foi inventado o primeiro tear mecânico projetado pelo francês Joseph Marie Jacquard. O que antes era produzido de maneira artesanal por costureiros que podiam levar dias e até meses na confecção de uma peça, com o tear mecânico a produção ganhou uma nova escala.

À medida que a fabricação em série se multiplicava, os preços dos produtos ficavam mais acessíveis e o mercado se tornava competitivo. Começa assim a comercialização e a industrialização da moda. O sistema capitalista ganha impulso com a Revolução Industrial e consolida a lógica da moda. A produção do vestuário aumenta de forma vertiginosa com o maquinário que permite a produção de uma variedade enorme de tecidos para a confecção de peças de roupa.

Sob a dinâmica do imperativo do lucro, as indústrias criam novos produtos, inovam continuamente para aumentar sua penetração de mercado, para ganhar novos clientes e revigorar o consumo. A moda consumada é bem filha do capitalismo. (LIPOVETSKY, 1989, p. 180).⁵

A consolidação do capitalismo ocorre a partir dos anos 80 com o processo de globalização que proporcionou a instalação de empresas multinacionais em diversas partes do planeta, buscando o barateamento do processo produtivo, ou seja, a redução de custos da produção e o estímulo ao consumo, no caso aqui estudado, a indústria da moda. Como exemplo dessa dinâmica, temos o *Fast fashion*, um modelo de comercialização da moda que abastece o mercado com as novidades do mundo *fashion* de forma rápida. Para ser eficaz, esse tipo de moda tem na mídia sua principal aliada para a divulgação da última tendência.

Esse modelo de negócios depende da eficiência em fornecimento e produção em termos de custo e tempo de comercialização dos produtos. Nessa lógica, muitas vezes o

⁴ SIMMEL, Georg. Filosofia da moda e outros escritos. Lisboa: Edições texto e Grafia, 2008

⁵ LIPOVETSKY, Gilles. O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

consumidor possui um comportamento de compras irrefletido, o que acaba gerando o desperdício, o acúmulo de lixo têxtil, a poluição do meio ambiente e o estímulo ao trabalho escravo. Além disso, esse consumismo determina o grau de inclusão ou exclusão social, a felicidade e a infelicidade, numa lógica em que a pessoa é aquilo que ela tem, ou aquilo que ela consome.

A moda na sociedade de consumo:

Um dos fenômenos mais recorrentes da sociedade contemporânea é o consumo. Ele está presente nas práticas sociais e culturais cotidianas das sociedades capitalistas, através da aquisição massiva de bens e serviços, disponíveis em abundância devido à produção em larga escala. Nesse sentido, o desenvolvimento econômico e social é pautado pelo aumento do consumo, e nessa lógica produtivista a oferta excede a demanda e as pessoas são hiperestimuladas a adquirirem mais do que o necessário, gerando o consumismo. Uma sociedade que vive para consumir e na qual o papel político das marcas é o de incentivar uma compulsão excessiva pelo “ter”, cada vez mais e melhor (TAVARES, 2014).

Através da publicidade, a mídia estimula o valor/moda dos objetos, tornando-os efêmeros e passageiros. No caso da moda, as lojas de departamento de *Fast fashion* confeccionam peças com materiais de pouca durabilidade e ciclos reduzidos de desenvolvimento e comercialização, trabalhando com coleções de roupas baseadas em tendências da moda mais recente. Como essas roupas são desenhadas e fabricadas de maneira rápida, tendo como principal vantagem o preço mais baixo, o consumidor tira proveito disso e acaba descartando essas roupas sem nenhum apego. “A moda é arbitrária, móvel e cíclica, nada acrescentando as qualidades intrínsecas do indivíduo. Possui, no entanto, o caráter de profundo constrangimento e o seu critério é o sucesso ou a rejeição social” (BAUDRILLARD, 1981, p.125).

O indivíduo torna-se escravo da próxima tendência e se não segue, é marginalizado pela sociedade como alguém desinformado e fora de moda. Na sociedade de consumo “os objetos deixam de estar ligados a uma função ou necessidade definida, porque correspondem a outra coisa quer seja a lógica social, quer a lógica do desejo” (BAUDRILLARD, 1981, p.89). Ou seja, os objetos na contemporaneidade têm mais valor de signo, porque conferem status ao indivíduo e o diferencia dos demais. Um claro exemplo disso são os artigos de luxo; uma bolsa de R\$ 20.000,00 e outra de R\$ 20,00 exercerão a mesma funcionalidade que é carregar coisas, mas a bolsa de luxo eleva o status de quem a possui. Nesse sentido, o consumo de moda é uma das atividades mais celebradas pelos membros da sociedade de consumo.

O sistema social da moda opera no âmbito social, econômico e cultural participando do cotidiano dos indivíduos, guiando escolhas e comportamentos de consumo. A moda se constitui como sistema de significação, de visibilidade e pertencimento da ordem econômica, social e do status. Se aplica a muitas áreas diferentes, mas é na sociedade do consumo⁶ (Baudrillard, 1981) que mantém constante a efemeridade (Lipovetsky, 1987).

Canclini (2004), em sua obra *Consumidores e cidadãos*⁷ é outro autor que contribui na discussão para a compreensão da lógica da sociedade de consumo e da distinção proporcionada aos indivíduos pelos objetos, principalmente os artigos de luxo. O autor afirma: “a lógica que rege a apropriação dos bens enquanto objetos de distinção não é a da satisfação de necessidades, mas sim a da escassez desses bens e da impossibilidade de que outros os possuam.” (CANCLINI, 2004, p.80). Em geral, o consumo de bens de luxo cria nos indivíduos a ilusão de exclusividade, contribuindo para manter uma sociedade estereotipada que recusa a profundidade e vive pelas aparências. Ao mesmo tempo, mitifica o efêmero e uniformiza valores, o que mostra o viés social do consumo. Nesse ponto há um diálogo com o trabalho de Mary Douglas e Baron Isherwood (2004)⁸ que, de alguma forma, estão relacionados ao consumo e ao não-consumo. De acordo com esses autores, o consumo dos bens é tomado como parte de um sistema que estabelece e mantém relações sociais, em que a prática do consumo relaciona-se com o poder. Nessa perspectiva, os autores desenvolvem uma maneira de medir o envolvimento social comparando padrões de consumo, e afirmam que essa medida revela muito sobre quem está dentro ou fora de determinado grupo social. O uso social dos bens é determinante para a compreensão das relações sociais.

Trazendo para o universo da moda, o que você veste diz muito sobre a sua relação com o mundo e com o grupo social que você está inserido, pois a roupa comunica uma mensagem não-verbal. Ou seja, por trás dessa atitude tão comum que é a escolha de determinadas peças do vestuário, você mostra seus gostos, sua classe social, seu tipo de trabalho, enfim, quem você é. Quando, por exemplo, alguém veste uma peça de *Fast fashion*, pode comunicar para algumas pessoas que é atendida, que está por dentro das tendências e para outras pessoas pode passar a imagem de alguém que não se importa com as questões ambientais.

⁶ Termo cunhado por Baudrillard que se caracteriza pelo consumo massivo de bens e serviços.

⁷ CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004

⁸ DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

O pano de fundo do artigo sugere a hipótese de que pessoas estão se reunindo na rede para participar de feiras de troca para consumir moda de forma mais consciente. Partindo desse pressuposto, a pesquisa se concentrou no projeto Gaveta, em sua segunda edição no Rio de Janeiro e o método utilizado foi a observação participante.

Projeto Gaveta:

O projeto Gaveta nasceu na cidade de São Paulo, em 2013, com a ideia de duas amigas, Raquel Vitti Lino e Giovanna Nader que queriam trocar roupas sem gastar dinheiro, quebrando com o preconceito de roupas usadas. O movimento inicial era fazer um bazar entre amigas e amigas de amigas. Mas outras pessoas ficaram interessadas e o projeto tomou forma. As sociais utilizaram o Catarse, plataforma de financiamento coletivo, o objetivo era angariar fundos para a realização da primeira edição que aconteceu em novembro de 2013 na escola São Paulo, contando com 75 participantes e um acervo de 1.600 peças para a troca.

O lema do projeto é “*Ser mais, possuir menos*” e tem conexão com a proposta de *Clothing swap*, evento de troca de roupas criado em 1995, em São Francisco, na Califórnia por Suzanne Agasi. A ideia é a troca de peças usadas que estão em bom estado, sendo uma boa maneira de reabastecer o guarda-roupa, mas também um ato ambiental, já que as peças que sobram da troca são encaminhadas para instituições de caridade. As idealizadoras do Gaveta incentivam os participantes a usar a #todegaveta⁹ e a publicarem fotos dos looks adquiridos na feira de troca no *Instagram*¹⁰ que conta com 5.169 seguidores. A comunidade do *Facebook*¹¹ tem 11.474 curtidas e 11.382 pessoas que seguem a página.

A troca:

A metodologia observação participante, aplicada na pesquisa, tem inspiração no trabalho desenvolvido por Clifford Gueertz. O antropólogo elabora uma etnografia a partir de uma descrição densa que serve para “traçar a curva do discurso social e fixá-lo numa forma inspecionável” (GUEERTZ, Clifford, 2008, p. 13). O pesquisador anota e registra a sua interpretação do discurso que observa, por isso o uso do diário de campo para anotar as falas e as impressões dos comportamentos observados durante a troca de roupas.

⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/explore/tags/todegaveta/?hl=pt-br>>

¹⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/projetogaveta/?hl=pt-br>> Acesso em: 11 Jul. 2017

¹¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/projetogaveta/>> Acesso em : 11 Jul. 2017

Utilizarei a primeira pessoa na descrição da experiência, porque participei da troca, e faz parte do método. O evento está em sua 2ª edição no Rio de Janeiro¹². A 1ª edição foi em dezembro de 2016, contou com a presença de 100 participantes e 2.094 peças na rede de troca. A edição que será utilizada nesta análise será a 2ª; e aconteceu no dia 29 de abril de 2017, na Malha, espaço de *co working* criado há um ano no Rio Janeiro, em parceria com o *Fashion Revolution Brasil*, movimento internacional criado com o objetivo de aumentar a conscientização sobre o verdadeiro custo da moda e seu impacto. Eu só fiquei sabendo da feira de troca, porque acompanho o *Instagram* do *Fashion Revolution Brasil*. Com o tempo e as experiências de outras edições que já acontecem há 4 anos em São Paulo, algumas regras foram aplicadas para otimizar a troca. Por exemplo, cada pessoa tem direito de levar até trinta (30) peças para a seleção e só são escolhidos roupas e acessórios que tenham potencial de troca. Ou seja, há uma curadoria que analisa o estado das peças e se as mesmas possuem informação de moda atual.

As roupas e acessórios precisam estar em bom estado de conservação, manchas de desodorante, roupas amarelas, manchadas ou com furos são descartadas para a troca. A sugestão dada por quem faz a seleção, caso as peças não sejam aceitas, é que as mesmas sejam enviadas para a doação ou a pessoa leva de volta para a casa. Nos primeiros anos da feira, a seleção era feita sem a presença da dona das peças, mas para que o processo fosse o mais transparente possível e as pessoas entendessem o motivo de determinada peça ter sido recusada para a troca, as organizadoras decidiram que as donas das peças estivessem presente.

Depois de selecionadas as peças, bem próximo ao evento, o dono da peça recebe um e-mail com informações sobre o horário da troca, a quantidade de participantes e as atividades que acontecem paralelas ao evento como: oficina de faça você mesmo, além de palestras sobre moda e sustentabilidade. Há uma orientação sobre chegar com 30 minutos de antecedência para a retirada das moedas que são uma espécie de crédito. As moedas funcionam da seguinte maneira: dependendo do número de peças que foram selecionadas, o participante tem direito a x moedas. Segundo as organizadoras, peças maiores, como casacos de inverno, valem mais moedas, ou seja, peças com mais uso de tecido.

Durante a troca, cartazes espalhados pelo espaço indicam a conversão de quantas moedas valem determinada peça. Por exemplo, camiseta, camisa, malha, saia, short e acessório valem uma (1) moeda. Sapato, calça, bolsa e vestido valem duas (2) moedas e casaco, terno e jaqueta valem três (3) moedas. O participante tem 1 hora para decidir as peças

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6T1DH6y02bQ>>

que deseja levar; não havendo provadores no local, pois segundo os idealizadores, no momento da troca tornaria o processo um pouco confuso, já que a pessoa perderia tempo experimentando.

Para facilitar a escolha, o espaço foi dividido por cores. No que se refere ao tamanho das peças, a pessoa precisa olhar na etiqueta. As peças são repostas assim que o horário de troca acaba e antes de dar início ao outro horário. As roupas ficam misturadas dentro de caixas de papelão e são selecionadas de forma aleatória. As pessoas que fazem essa reposição são convidadas a participar da feira como voluntários, através de um preenchimento de formulário online e recebem um valor simbólico para os gastos com transporte e alimentação.



Fonte: Acervo pessoal

Além dos repositores, há o voluntário que fica no caixa contabilizando o número de moedas que a pessoa tem direito e verificando se a pessoa está participando no horário de troca designado. Também existem voluntários que conferem o número de peças e o pagamento com as moedas. As organizadoras do evento disponibilizam uma *ecobag* para cada participante com a inscrição “Seja + tenha-“ Antes de cada horário de troca as organizadoras reúnem os participantes e esclarecem o propósito do projeto. A ideia é que se leve aquilo que realmente interessa e se restarem moedas, a pessoa pode guardar até o final da feira, uma espécie de xepa das peças que sobraram; pode também doar as moedas para quem tenha o interesse de participar da troca, mas não ficou sabendo do evento ou para outro participante com poucas moedas.

Na edição observada, foi totalizado um número de cem (100) participantes, divididos em quatro (4) grupos de vinte e cinco (25) pessoas. Logo, foram designados quatro (4) horários de troca com duração de 1 hora. As fundadoras do projeto não deram a informação exata de quantas peças estavam no acervo para a troca. Como a metodologia empregada foi a observação participante, estive envolvida em todo o processo, além de observar os demais participantes e coletar informações sobre o perfil de quem participou da troca e o que os

voluntários acharam do evento. Na primeira fase de seleção, levei algumas peças minhas, uma quantidade menor que trinta (30), algumas blusas, calças e vestidos que estavam no meu armário sem utilidade há bastante tempo. Todas as peças foram aceitas, pois tinham potencial de troca, estavam bom estado e sem serem datadas. Próximo a data do evento, recebi um e-mail com o horário designado para que eu realizasse a troca, o mesmo ocorreria às 16:40, e eu receberia onze (11) moedas.

Para aplicar a metodologia, eu cheguei ao local trinta (30) minutos antes do primeiro horário de troca, conversei com as organizadoras que estavam bem animadas e me explicaram basicamente o que já foi descrito anteriormente. Fiquei próxima a voluntária que distribuía as moedas, e elas foram as primeiras a realizar a troca porque entregaram primeiro as peças.

Notei que os participantes que chegaram um pouco antes do horário estavam bastante ansiosos, perguntando para a voluntária se já podiam entregar as moedas ou se tinham que ficar em filas. Aproveitei para fazer um mini questionário, com as seguintes perguntas: idade, profissão, como tinha tomado conhecimento do evento, o tipo de peça que procurava, se olhava a marca e o que entendia por consumo de moda sustentável.

A faixa etária dos participantes girava em torno de 25 a 35 anos, sendo o público feminino a grande maioria, as profissões não necessariamente tinham a ver com moda e a grande maioria dos participantes relatou ter ficado sabendo sobre o evento por meio das redes sociais e amigos que já tinham participado da 1ª edição, que ocorreu em dezembro de 2016, no mesmo local. Boa parte dos entrevistados relatou que não estava preocupado com a marca da roupa e não procurava algo específico. Quando perguntados sobre o que entendiam sobre consumo de moda sustentável, não tinham um discurso pronto, ficavam confusos e respondiam algo sobre sustentabilidade, mas não especificamente sobre moda sustentável.

No primeiro horário de troca, de 14hs às 15hs, observei que nos primeiros cinco (5) minutos do evento algumas pessoas pediam sacolas para guardar suas aquisições, pois já estavam com as mãos cheias. O primeiro participante, por exemplo, saiu 25 minutos depois do início do evento, e estava com uma sacola abarrotada de roupas. Observei também o caso específico de duas amigas que estavam em horários diferentes de troca e fizeram disso a oportunidade de conseguir pegar mais peças. Enquanto uma participava e pegava peças de roupa para si, perguntava para a amiga se ela queria determinada peça. No final, elas saíram bem satisfeitas e com muitas roupas e acessórios.

No horário em que estive observando, encontrei com uma jovem que saía com apenas duas (2) peças, e ao interrogá-la, ela disse que era somente aquilo que ela procurava. Perguntei a uma das voluntárias que fazia a reposição de roupas o que estava achando do evento, e ela disse “Imagina você ter roupa de graça.” Já as que guardavam as roupas em sacolas e conferiam as moedas ficaram assustadas pela quantidade de peças que as pessoas estavam levando. No horário designado para a minha troca, às 16:40 pude experimentar a sensação do consumo típico da nossa sociedade capitalista ao observar a ansiedade que pairava entre os participantes, pois havia uma certa euforia em encontrar as peças.

Antes de começar, dei uma volta no lugar, apenas para ver se algo me agradava, e vi uma bolsa que tinha sofrido uma intervenção artística que chamava bastante atenção, foi a primeira coisa que peguei. E um rapaz que participava no mesmo horário que eu, ficou o tempo todo perguntando se eu iria desistir da bolsa. Além disso, peguei mais dois vestidos e uma saia. O tempo que gastei na feira foi cerca de 30 minutos e ao sair, fui avisada que no final do evento ocorreria uma espécie de xepa das peças que sobraram. Algo que também me chamou bastante atenção foi a possibilidade de depois da troca, poder customizar as peças.

No horário da xepa, formou-se uma grande fila como já tinha escurecido e a iluminação não era tão boa, tive dificuldade de enxergar as roupas. Além disso, diferente dos demais horários em que só entravam 25 pessoas por vez, agora havia uma multidão. Aquela situação me trouxe aflição, pois não dava para chegar perto das roupas, de tão cheio que estava. Fiquei apenas dez (10) minutos e desisti da saga de encontrar mais alguma coisa interessante.



Fonte: Acervo pessoal

Conclusão:

Neste artigo realizamos um parâmetro histórico para entendermos que a preocupação com o meio ambiente nem sempre existiu. Na Modernidade, a natureza era vista de forma

mecanicista e devia ser dominada pelo ser humano com o uso da ciência. Os resultados foram catastróficos e até os dias de hoje pagamos o preço dessa investigação sem limites dos fenômenos naturais. Com o surgimento dos sistemas complexos a natureza passa a ser vista em toda a sua diversidade e estudá-la exige responsabilidade.

Nesse sentido, foi realizada uma observação participante em uma feira de troca de roupas na cidade do Rio de Janeiro, o que parece uma proposta inovadora. A feira tem que ser observada mais vezes, pois a pesquisa só está no começo, mas as impressões iniciais foram que os participantes da troca ainda não entenderam o que é ser sustentável, já que estão imersos na ideia capitalista de ter mais coisas, lógica que subverte a sustentabilidade. Apesar da orientação que é feita pelas idealizadoras do projeto para que as pessoas pegassem apenas o que estavam precisando, é possível ver na imagem da fila da xepa que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que haja mudanças nos hábitos de consumo. A questão é: será que os participantes realmente fizeram uso das peças que adquiriram ou estão esquecidas no fundo do armário?

Referências bibliográficas:

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Ed. 70, 1981

CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ,

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. **Biontes, Bióides e Borgues**. In: NOVAES, Adauto(org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das letras, 2012

STENGERS, Isabelle ; PRIGOGINE, Ilya. **A nova aliança- Metamorfose da ciência**. Brasília: Editora UNB, 1991

SIMMEL, George. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Edições texto e grafia, 2008

TAVARES, Fred. Sustentabilidade líquida: o consumo da natureza e a dimensão do capitalismo rizomático nos platôs da sociedade de controle. *Revista Sinais sociais*, v.9,n.26,p 71-95, 2014.